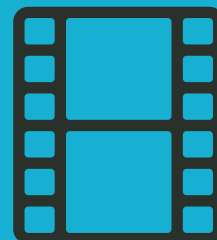
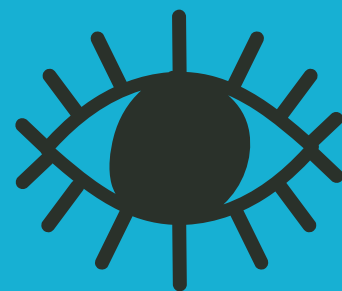


Luz, câmera, memória!

Um guia para a produção
de documentários sobre
o IFRJ Niterói

Valdineia Gomes das Chagas
Thiago Soares de Oliveira





Editorial

Autoria: Valdineia Gomes das Chagas e Thiago Soares de Oliveira.

Projeto gráfico e diagramação: Gabriel Rios

Revisão linguística: Olair Muniz Barreto Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C433l Chagas, Valdineia Gomes das, 1980-.
Luz, câmera, memória: um guia de como elaborar documentários sobre o IFRJ Niterói / Valdineia Gomes das Chagas, Thiago Soares de Oliveira. – Macaé, RJ, 2024.
30 f.: il. color.

Produto educacional proveniente da Dissertação intitulada: Documentário como ferramenta de preservação de memória: o IFRJ Niterói na tela (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Macaé, RJ, 2024.

Referências: p. 28-29.

1. Educação Profissional. 2. Documentário (Cinema). 3. Memória coletiva. 4. Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (*campus* Niterói). 5. Documentário – Manuais, guias, etc.. I. Oliveira, Thiago Soares de, 1986-, orient. II. Título.

CDD 373.8153 23. ed.



Sumário

▶	Apresentação	03
▶	Por que fazer um documentário?	04
▶	Luz, câmera, memória: hora de gravar	
	a. Pesquisa	06
	b. Pré-produção	14
	c. Produção	16
	d. Pós-produção	21
▶	Considerações finais	24
▶	Não pare por aqui	25
▶	Referências	28





Apresentação

Este Guia é a materialização do Produto Educacional desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) e resultante da dissertação intitulada “Documentário como ferramenta de preservação de memória: O IFRJ Niterói na tela”, produzido por Valdineia Gomes das Chagas, sob orientação do Professor Doutor Thiago Soares de Oliveira.

O trabalho dissertativo, fundamentado na pesquisa bibliográfica, teve, como objetivo geral, compreender de que forma o documentário pode ser efetivamente utilizado como recurso para a preservação da memória institucional do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), *campus* Niterói. Ainda, teve como objetivos específicos conceituar o que é documentário como gênero cinematográfico, destacando sua função para a preservação da memória; promover a distinção entre as concepções de memória institucional e memória coletiva, apresentando as relações existentes entre ambas; situar historicamente, por meio de consulta a trabalhos já publicados e a documentos legais e institucionais, o desenvolvimento do IFRJ e, especificamente, do IFRJ *campus* Niterói; e, por fim, elaborar um produto educacional em formato de um Guia com orientações de como produzir documentários sobre o IFRJ Niterói, com intuito de auxiliar na sua preservação e na sua divulgação memorialística.

O presente Produto Educacional, intitulado “Luz, Câmera, Memória: um Guia de como elaborar documentários sobre o IFRJ Niterói”, tem, como objetivo, fornecer orientações práticas e acessíveis para a produção de documentários sobre a instituição, apresentando um passo a passo desde a concepção da ideia até a finalização do produto. O Guia registra dicas e sugestões sobre pesquisa de informações, planejamento, coleta de materiais, condução de entrevistas, edição do documentário, informações sobre os equipamentos básicos necessários e diretrizes éticas a serem seguidas durante o processo de produção. Além disso, inclui recursos adicionais que podem ser acessados via *QR Code*, como modelo de projeto, sugestões de documentários e de material bibliográfico para aqueles que se desejarem aprofundar no processo de criação dessa linguagem audiovisual.

Devido à sua abordagem prática, espera-se, com este Guia, que servidores e estudantes vinculados ao IFRJ Niterói, mesmo sem conhecimentos prévios ou experiência no campo de produção audiovisual, consigam planejar, filmar e produzir documentários abarcando o universo institucional sob as mais variadas perspectivas e momentos, a fim de contribuir para a preservação e para a divulgação da memória institucional.





Por que fazer um documentário?

Documentário e memória

O documentário é um gênero cinematográfico que tem a capacidade de informar, evidenciar, instigar reflexões e fomentar debates sobre diversos temas. Essa característica multifacetada permite ao documentarista criar conexão entre pessoas e diversas abordagens sociais, promovendo diálogo para a construção de uma sociedade mais informada, reflexiva, crítica e inclusiva.

Além disso, o documentário é capaz de registrar, organizar e preservar diversas experiências humanas. Ao fazer isso, o conteúdo transcende sua função informativa, assumindo um papel particular na construção e na preservação da memória coletiva, tornando-se, assim, um testemunho e uma ferramenta para registrar depoimentos, eventos, momentos, épocas e memórias.

O documentário tem uma vocação para a memória que precisa ser problematizada. Quando o documentarista se interessa pelo passado, por um tema histórico, não lhe resta muito mais do que vestígios e testemunhas, o que faz deste tipo de cinema uma atividade “artesanal da memória” vocacionada a preservar/armazenar uma memória experiencial do vivido. (Tomaim, 2019, p. 4).

A preservação da memória não é um movimento unicamente individual, mas uma necessidade coletiva de uma comunidade pela perpetuação de experiências que são compartilhadas com as gerações presentes e futuras. Para Simson (2003), as memórias individuais trazem elementos do grupo social em que a pessoa é socializada ao longo da vida. E, como resultado dessa ação, de acordo com Halbwachs (2006), temos:

- construção e evocação de lembranças;
- fortalecimento dos laços entre pessoas e seu passado compartilhado;



- formação da identidade de um grupo;
- transmissão e preservação da herança cultural.

Memória e instituição

Quando pensamos nas instituições, a memória pode ser considerada uma extensão do conceito de memória coletiva, pois entende-se que as instituições possuem história e identidade próprias que reúnem registros, tradições e narrativas de um grupo de pessoas que constituem a sua trajetória memorialística (Santos; Valentim, 2021). As instituições não são estruturas abstratas, mas sim construções sociais e, portanto, recebem influências das ideias e valores daqueles que as integram (Costa, 1997).

Para manter viva a memória do IFRJ Niterói, diversos componentes ajudam a contar e preservar a sua história, desde a fundação até o presente, como atas de reuniões, legislações, plantas arquitetônicas, fotografias, vídeos, objetos simbólicos e, sobretudo, as narrativas compartilhadas pelos sujeitos envolvidos – como os estudantes, servidores e comunidade externa –, que podem ser registradas por meio do documentário, como recurso audiovisual.

Antes que os rastros sejam apagados, que as lembranças sejam esquecidas, o documentário revela-se como refúgio de uma memória viva, como um lugar de exercitar a rememoração enquanto um ato encarregado de ressignificar o mundo em sua dimensão temporal. (Tomaim, 2019, p. 4).

Os meios de preservação de memória, para que informações e momentos importantes não sejam apagados ou esquecidos, são fundamentais. A elaboração de documentários sobre o IFRJ Niterói, como propõe este Guia, possibilitará reunir vários documentos e momentos, mas principalmente, dar voz às pessoas que fizeram e/ou fazem parte da história do *campus*.

Agora o desafio está na sua mão! Com este Guia, você pode capturar e registrar experiências e perspectivas diversas sobre o cotidiano escolar, a fim de preservar e de divulgar a memória do *campus*. O objetivo final é colaborar para fortalecer a identidade institucional e o sentimento de pertencimento da comunidade interna e externa.

Vamos nessa?!





Luz, câmera, memória: hora de gravar

a. Pesquisa

Palavras-chave: Pesquisa; Escolhas; Pré-entrevista; Estratégia.

Essa é a primeira etapa para produzir um documentário e uma das mais importantes. Nesse momento, você terá acesso a uma série de informações e precisará fazer escolhas que definirão o tom do seu documentário.

Existem muitas maneiras de contar uma história e, para fazer um documentário, você precisa escolher estrategicamente como vai mostrar, narrar, recortar e expor a narrativa que você escolheu.

Pesquisa

O primeiro passo é pesquisar. Procure o máximo de informação possível para aprender sobre o tema e entender a melhor forma de abordá-lo. Veja algumas ações possíveis:

- Leia conteúdos relevantes sobre o IFRJ Niterói e os sujeitos envolvidos;
- Procure materiais de arquivo pessoal de servidores e de alunos, como publicações em jornais, revistas, redes sociais que tenham notícias e registros do processo de implantação do *campus*;
- Assista aos vídeos disponíveis: arquivo pessoal de servidores e de alunos, reportagens publicadas na TV, cobertura de eventos disponíveis no YouTube®;
- Realize pré-entrevistas para conhecer pessoas que se relacionam com o tema. Essa etapa é muito importante e, provavelmente, alguém dessa etapa será entrevistado oficialmente para o filme;
- Visite os locais onde as coisas aconteceram, como o *campus* provisório do Caminho Niemeyer;
- Faça um resumo dos resultados da pesquisa e organize os arquivos. Você



pode precisar deles caso escolha fazer um documentário com imagens de arquivo, por exemplo;

- Assista a outros documentários sobre o mesmo tema, para buscar referências, ou sobre temas diversos, para se inspirar na hora de criar o seu.

Escolhas estratégicas e narrativas

Todo documentário tem papel ativo do documentarista, um argumento e um objetivo. Mesmo que pareça que o filme assistido seja um recorte da realidade, por trás das imagens existem escolhas, estratégias narrativas, enquadramento de câmera, imagens que entram no filme e imagens que ficam de fora, pessoas que são ouvidas e pessoas que não aparecem. Isso influencia no tom do filme e na perspectiva da história apresentada.

O documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta, marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre a concepção e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por uma consciência subjetiva. (Pucinni, 2012, p. 15).

Nesse sentido, além de escolhas estéticas, ao fazer um documentário, é necessário entender o papel ético que você ocupa ao apresentar uma história. “Todo modo de representação do documentário é determinado por – e determina – uma atitude ética do realizador diante do representado.” (Tomaim, 2019, p. 9). Todo cuidado é pouco, por isso sempre ouça várias versões, faça uma pesquisa cuidadosa e tenha uma intenção ao colocar o documentário no mundo.

Agora, pense nos seguintes tópicos:

- O que você quer contar?
- Como você quer retratar esse assunto?
- Qual é a estética dessa imagem?
- Que sensação você quer passar?
- Quem são os envolvidos?
- Qual a melhor maneira de contar essa história?

Com essas perguntas (e suas respostas) em mente, você pode seguir para as próximas decisões.



Tema – é o norte do seu documentário. Pode ser uma pessoa, um acontecimento, a história de um lugar, acontecimentos de um ano específico, o desdobramento de uma notícia, uma temática mais geral ou uma bem específica. No caso proposto por este Guia, o tema que você vai abordar é o IFRJ *campus* Niterói, mas não pense que isso é limitador. Existe uma série de recortes para você tratar no seu documentário, por exemplo:

- Como e quando surgiu a ideia do *campus* Niterói;
- O processo de implantação da instituição;
- Espaços provisórios onde o *campus* passou;
- Histórias dos primeiros estudantes;
- Histórias dos primeiros servidores;
- Obras do *campus* no bairro Sapê;
- O entorno onde está localizado a instituição;
- O impacto do IFRJ Niterói na vida dos estudantes e servidores;
- Percepções da comunidade interna e/ou externa acerca do papel da instituição como espaço público de inclusão;
- Desafios e conquistas.



Escaneie o QR code ao lado para acessar o Projeto de Implantação do *campus* Niterói, um bom ponto de partida para sua pesquisa

Fonte: IFRJ (2017).

Tipos de documentário – para construir sua narrativa, é importante conhecer os seis tipos de documentários definidos por Nichols (2016). Com essa informação, você pode fazer escolhas estratégicas e estéticas para a narrativa do seu filme sobre o IFRJ Niterói.

1) Modo expositivo: caracterizado por uma abordagem mais didática e explicativa, costuma ter um narrador guiando a narrativa, faz uso de recursos visuais como colagens de imagens de arquivo e entrevistas intercaladas. Busca-se passar um tom de verdade, com um processo de pesquisa detalhado, para ganhar a confiança do espectador.



2) Modo poético: neste modo, há mais liberdade estética e segue uma narrativa que quebra a lógica da história linear. Explora os afetos, os sentimentos e a sensorialidade. Costuma trabalhar o som com detalhe, costurando imagem e som. Busca-se apresentar novas perspectivas do mundo representado.

3) Modo observativo: o foco é o que acontece diante da câmera, limitado a representar eventos históricos complexos por meio da observação e da interação com os outros. Busca explorar o som e os elementos do ambiente onde se passa a cena a fim de caracterizá-la ainda mais. Deseja-se que o público decida por si mesmo o que vê e ouve.

4) Modo participativo: distante de uma postura passiva, nesse modo, o documentarista faz parte da cena, altera e é alterado por ela. É uma participação imersiva. Enfatiza o diálogo cineasta-personagem, com envolvimento e encontros com os outros, por isso é necessário cuidado com possíveis manipulações.

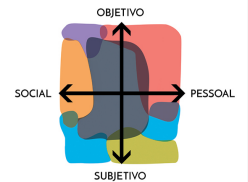
5) Modo reflexivo: caracterizado por abstração formal e distanciamento, destaca o conhecimento como contextual, sujeito a limitações e suposições pessoais. Tem, como objetivo, gerar reflexões sobre o tema e sobre o método documental, colocando as questões do documentarista também em foco. Há uma dúvida radical sobre a certeza ou a constância do conhecimento.

6) Modo performático: esse modo percorre um caminho mais subjetivo, colocando questões e reflexões do documentarista em primeiro plano, de forma introspectiva e testemunhal. Aborda o conhecimento como personificado, afetivo e situado, derivado de encontros diretos. É uma busca da verdade sobre vivenciar o mundo de uma maneira específica.

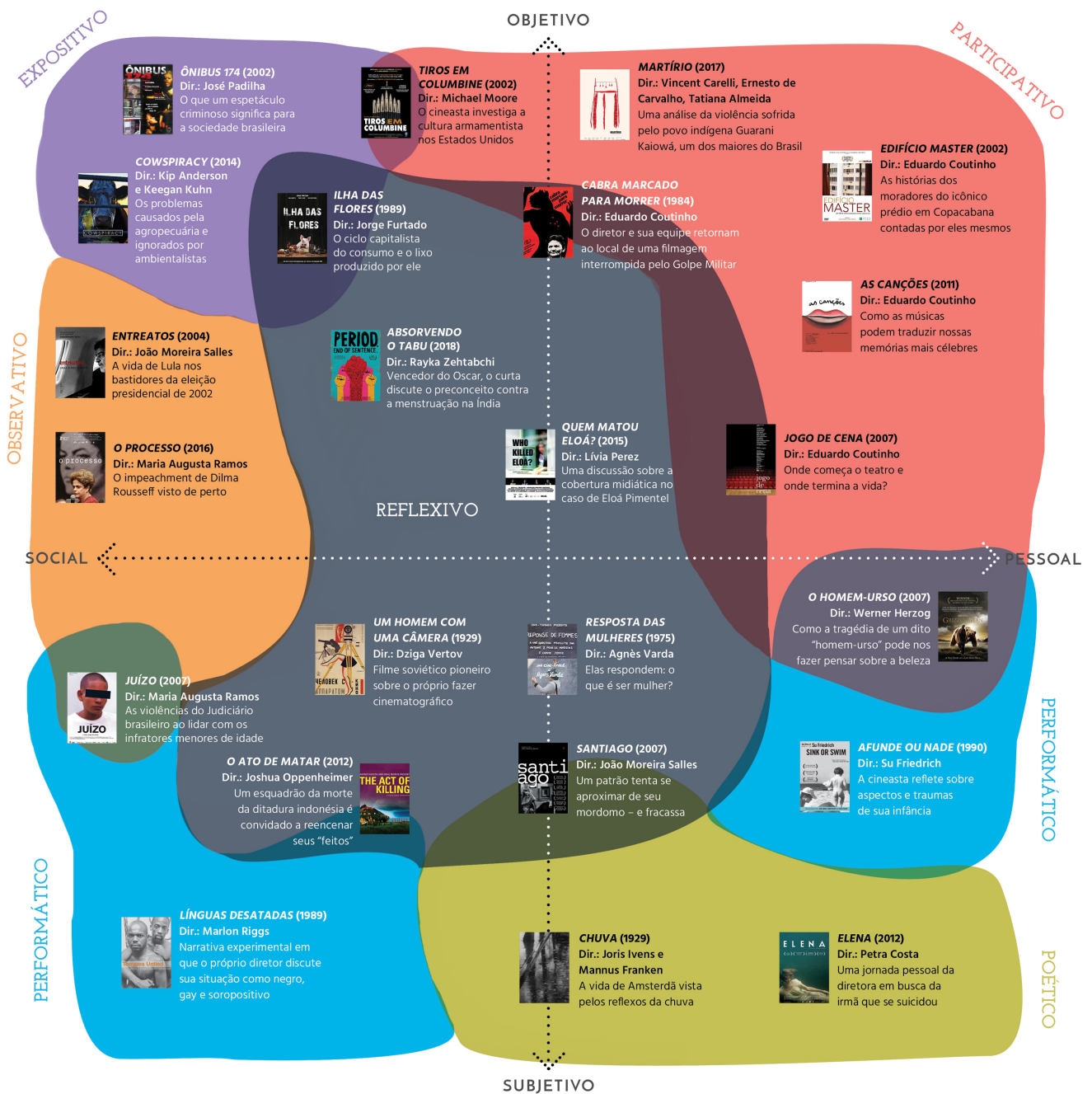
Você não precisa escolher apenas um tipo de documentário e pode misturar as possibilidades de acordo com sua estratégia narrativa. Confira uma imagem que faz um mapa dos tipos de documentário e cita alguns exemplos, caso você queira assistir para ter mais referências na hora de fazer a sua escolha. Uma dica é refletir sobre cada tipo e sobre as suas principais características. A partir dessa base, você pode escolher os elementos de linguagem que mais fazem sentido ao seu projeto.



CARTOGRAFIA DO REAL



Um mapa das diferentes formas de contar histórias verdadeiras



OS TIPOS DE DOCUMENTÁRIO

EXPOSITIVO - Comum nas reportagens, aposta nas informações transmitidas verbalmente

PARTICIPATIVO - Mostra uma vivência imersiva do cineasta e de sua equipe no tema

OBSERVATIVO - Como um voyeur, o cineasta acompanha a ação sem intervir explicitamente

REFLEXIVO - Propõe questionamentos não apenas sociais, mas também linguísticos

PERFORMÁTICO - Histórias subjetivas são encenadas quase de forma ficcional

POÉTICO - Enfático nas emoções e impressões evocadas pelas imagens

Fonte: Artuni; Bonilla (2019, p. 1).



Escolhas estéticas e narrativas – nessa etapa, você precisa definir como construirá seu filme de forma visual e quais recursos serão utilizados. Isso é importante para você planejar quais tipos de imagens precisarão ser captadas, se há necessidade de contar com uma pessoa para ajudar com a parte gráfica, quanto material de pesquisa precisará reunir, etc. Alguns questionamentos importantes:

- Tudo será filmado pela equipe?
- Haverá imagem de arquivo?
- Utilizará vídeos, colagens, gráficos ou animações?
- Como serão as imagens?
- Será necessário registrar o espaço?
- Como captar a pessoa entrevistada?
- O filme terá um narrador?
- Será necessário trabalhar com áudios de arquivo?
- Haverá uma trilha sonora?

É importante entender o tipo de documentário que você quer fazer para responder às perguntas, porque isso define como será a captação de imagens e a edição. É uma forma de prever o trabalho necessário.

Roteiro e Proposta

Diferentemente de um filme de ficção, dificilmente um documentário poderá ser previsto em um roteiro. A produção pode ter escolhas estratégicas de imagens para captar, pessoas para entrevistar, mas nada é exato. Por isso, uma ferramenta muito utilizada no documentário é a **Proposta**, um documento que funciona como um resumo do documentário, com indicações práticas dos objetivos do filme e alguns indicativos técnicos. Essa ferramenta é muito utilizada por produtores no processo de captação de recursos para gravar um documentário e ajuda bastante na organização do projeto (Lucena, 2018).

Mas o que precisa ter uma proposta? Partindo do ponto de que ela é uma apresentação resumida do projeto, você precisa deixar claro seu ponto de vista sobre o objeto do filme e sua hipótese. Puccini (2012) apresenta:

- 1** - Informações básicas sobre filme: nome, assunto e duração;
- 2** - Assunto – bloco de conteúdo apresentando as principais informações do assunto do filme, e ressaltando a importância do tema a ser abordado;
- 3** - Estratégias de abordagem, estrutura e estilo do documentário – nesse bloco, você deve apresentar a principal perspectiva de abordagem do tema, o(s) ponto(s) de vista, possíveis conflitos de ideia, principais sequências e a forma como estarão conectadas. É claro que, ao longo da produção, esse caminho pode tomar outra

- forma, uma vez que o documentário não é um material previamente roteirizado;
- 4** - Cronograma de filmagem com os principais acontecimentos do processo de produção;
 - 5** - Orçamento previsto;
 - 6** - Público e estratégia de comunicação e distribuição do filme (tópico opcional);
 - 7** - Currículo do diretor;
 - 8** - Anexos, como fotos e *links* de materiais de apoio que colaborem com a apresentação ou contextualização do projeto.

É claro que, em se tratando de um documentário que não precise de captação e/ou de concorrência em edital, você pode pular alguns dos itens acima. No caso do IFRJ Niterói, é possível, por exemplo, submeter, junto à Coordenação de Extensão, projetos para desenvolver documentários sob diversos temas relacionadas à instituição.



Escaneie o QR code ao lado para acessar um modelo de projeto de documentário. Use-o como base para desenvolver sua proposta.

Fonte: Wordpress (2009).

Tratamento

Essa etapa é o detalhamento do projeto, quando você ilustra o desenvolvimento do documentário a partir de suas principais cenas. Todo filme precisa ter início, meio e fim, e o tratamento ajudará a compreender se você consegue fazer isso ao longo do documentário. Para isso:

- Apresente o assunto - Início;
- Desenvolva o assunto - Meio;
- Apresente uma resolução para o assunto - Fim.

Com isso em mente,

- Liste um resumo das principais cenas;
- Veja se elas conseguem passar a mensagem que você tem como proposta;
- Entenda se o ritmo do documentário faz sentido e se consegue chegar ao fim esperado;
- Enumere as principais sequências de imagem;
- Em seguida, registre todas as necessidades para a captação delas



(entrevistas, câmera, cenários/locação, equipamentos de áudios , materiais de arquivo, etc.).

Com essas informações listadas, você e a equipe poderão entender a viabilidade do projeto e seguir para a prática.

É hora de começar a pré-produção!





b. Pré-produção

Palavras-chave: Planejamento; Organização; Testes.

Nesta etapa, o objetivo é planejar toda a operação do documentário. Você já sabe o que quer como resultado final do documentário e agora vai definir como realizar isso. A seguir, confira um *checklist* com possíveis ações da pré-produção:

Monte um cronograma – esse será seu maior aliado na organização. Liste todas as atividades necessárias, do início ao fim do projeto, e defina as datas de suas realizações. Acompanhe o cronograma sempre, para evitar contratempos e cumprir as ações dentro do previsto.

Defina os envolvidos na produção e suas atribuições – quanto mais complexo o projeto, mais pessoas estarão envolvidas nele. Após concluir a lista anterior, defina os responsáveis pelas atividades, caso você produza o documentário com mais pessoas.

Agende as entrevistas – os nomes a serem entrevistados provavelmente surgirão na etapa de pesquisa (servidores, estudantes, ex-estudantes, entre outros). Agora, é hora de contatar os entrevistados para checar a disponibilidade e marcar a entrevista e/ou a gravação. Nem sempre uma entrevista entra no filme, mas pode fazer parte do processo de pesquisa.

* Dica: sempre pegue autorização para uso de imagem e voz das pessoas entrevistadas. É muito importante entender quais são as regras de propriedade intelectual da plataforma que você vai utilizar. Em muitos casos, a autorização de uso de imagem é suficiente, mas, em casos de uso de imagens de banco de arquivo ou de outras mídias, é preciso entender as regras do veículo dono da imagem e referenciar, caso necessário.

Verifique a viabilidade de captação – na etapa de pesquisa, muitas ideias estéticas e de narrativa surgem, mas é necessário entender se as imagens desejadas podem ser captadas. Para isso, faça visitas aos locais desejados, confira se os ambientes têm boa iluminação, se há necessidade de utilizar equipamento de luz, observe se a captação de áudio pode ser afetada por ruídos do ambiente, converse com as pessoas, teste seu equipamento de filmagem e faça gravações



de teste, caso sinta necessidade.

Estude bastante o assunto do filme e os entrevistados – uma boa entrevista é precedida de muito estudo. Conheça bem o tema e/ou a pessoaentrevistada para ter segurança de que conseguirá conversar sobre todos os assuntos desejados.

Prepare os equipamentos – como você fará a captação de imagem e som? Com um celular ou com câmera e microfone? Defina os equipamentos que você utilizará, assegure-se de que estão com bateria, faça sempre um teste de imagem e som para garantir que está tudo funcionando bem.

* Não se preocupe caso você não tenha os equipamentos mais avançados do mercado. Hoje em dia, um celular é uma ferramenta completa e te permite fazer o trabalho todo sem perder a potência e a qualidade do projeto.

Faça a decupagem¹ do resultado da pesquisa – é muito importante que você consiga acessar facilmente os conteúdos coletados. Para isso, é preciso decupar ou registrar do que se trata cada material (reportagem, foto, vídeo, entrevistas antigas, etc.). Isso facilitará o trabalho nas próximas etapas.

Agora, é hora de colocar a mão na massa!

¹ Etimologia: *fr découpage*. 1 Ato ou efeito de decupar. 2 CIN, TV Divisão de um roteiro em cenas, sequências e planos numerados para tornar o trabalho de filmagem ou de gravação mais fácil. 3 Listagem das cenas filmadas para facilitar a escolha da imagem mais adequada à edição. 4 Resultado final desse trabalho. (Michaelis, 2024, p.1).





c. Produção

Palavras-chave: Captação; Imagem; Som; Ação.

A produção é o momento de captar as histórias em imagem, materializar memórias e emoções sobre o universo do IFRJ Niterói. É o momento mais técnico do documentário e também o de maior contato com as pessoas e com os equipamentos de filmagem. Confira os principais pontos de atenção:

Planos de imagem

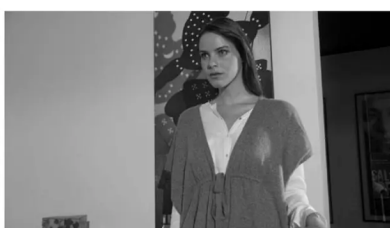
Ao gravar um filme, toda escolha é intencional. Por isso, é importante conhecer os planos de imagem e os possíveis ângulos para, a partir deles, reforçar a mensagem que se quer passar. Cada plano de imagem tem seu objetivo. Por exemplo: quando falamos em enquadramento, um Plano Geral é uma ótima opção para captar a fachada de um prédio; já um Plano Detalhe é muito utilizado para captar expressões e reações de pessoas em entrevistas (Gerbelli, 2012).

Veja, na imagem abaixo, os principais enquadramentos:





PLANO AMERICANO (PA)



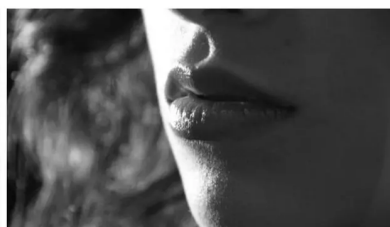
MEIO PRIMEIRO PLANO (MPP)



PRIMEIRO PLANO (PP)



PRIMEIRÍSSIMO PLANO (PPP)



PLANO DETALHE (PD)

Fonte: Fernandes (2013, p. 1).

Assim como o enquadramento, o ângulo da câmera pode passar mensagens na hora de construir a cena. Um ângulo Plongê, por exemplo, passa uma sensação de grandeza do que é filmado ou de pequenez de quem observa o objeto em cena; já um Contra-plongê reforça a sensação oposta (Gerbelli, 2012). Confira exemplos na imagem a seguir:

ALTURA DO ÂNGULO



PLONGÉE (significa "mergulho")

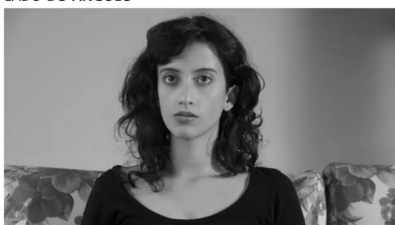


CONTRA-PLONGÉE ("contra-mergulho")



ÂNGULO NORMAL

LADO DO ÂNGULO



FRONTAL



PERFIL



DE NUCA





Fonte: Fernandes (2013, p. 1).

Com essas informações, você terá mais autonomia na hora de gravar. A seguir, confira dicas práticas para a gravação.

Dicas de captação de imagem e som

Câmera – escolha um equipamento de imagem com que você tenha afinidade. Você pode optar por gravar com um celular, uma câmera digital ou até mesmo uma câmera profissional. O mais importante aqui é ter afinidade com o equipamento e conseguir captar as imagens que precisa para contar sua história. Sempre teste a câmera e confira se está gravando, para evitar perder a captação de momentos importantes.

Iluminação – confira a necessidade de utilização de equipamento de luz de apoio (*ring light* e *softbox* são exemplos). Caso escolha utilizar luz natural, é preciso conferir se o ambiente escolhido para a gravação tem boa iluminação e qual é o melhor momento do dia para gravar.

Som – a captação de som é tão essencial quanto a de imagem, assim como desafiadora. Escolha os equipamentos que utilizará para captar áudio e teste todos eles a fim de garantir que tudo funcionará perfeitamente. Caso você não tenha acesso a equipamentos de captura de som, como lapela, *boom* e *shotgun*, duas alternativas são: para substituir o microfone direcional, utilize um celular gravando apenas o áudio perto da pessoa entrevistada; e, para substituir o microfone de lapela, utilize um celular gravando apenas o áudio com a ajuda de um fone de ouvido, que pode ficar preso perto da gola da camisa do entrevistado, por exemplo.





Quer aprender mais sobre captura de som e equipamentos necessários? Escaneie o QR code ao lado e confira um “Guia rápido de captura áudio: conceitos, técnicas e equipamentos”.

França (2023, p. 1).

Estabilidade de imagem – se possível, utilize um tripé para garantir que a imagem não ficará tremida. Caso você não consiga, tente apoiar a câmera (ou o celular) em algum objeto, a fim de garantir que a imagem ficará estável.

Imagens de apoio – na hora de gravar entrevistas e cenas nos locais escolhidos, faça sempre imagens extras. Você pode explorar detalhes do ambiente, gravar a pessoa entrevistada passeando pelo espaço, mostrando detalhes da sua rotina e executando alguma tarefa, por exemplo. Essas imagens de apoio serão essenciais na montagem do documentário.

* Montagem é a edição do filme, momento em que se constrói a narrativa por meio das imagens.

Narração – a produção é também a etapa de gravação da narração do filme, caso esse seja um recurso de sua escolha. É importante se atentar que, para gravar a narração, é preciso redigir um texto. Logo, se a narração depende de algum elemento que virá com as entrevistas, deixe esse momento por último. Além disso, não se esqueça de gravar em um ambiente livre de ruídos e com a fala em um ritmo compreensível.

Dicas de entrevista

- A primeira dica importante já foi listada na etapa anterior: muita pesquisa!
- Realize as entrevistas em um ambiente tranquilo e confortável, com poucas pessoas e pouca distração;
- Faça perguntas abertas. Perguntas cuja resposta pode ser “sim” ou “não” dificultam seu trabalho. Proporcione ao entrevistado a possibilidade de discorrer sobre o assunto. Isso enriquecerá a narrativa do filme;
- Posicione-se à frente da pessoa entrevistada, para que ela possa “conversar” com você;
- Evite enquadrar a pessoa de frente para a câmera. Para isso, sente-se



próximo à lateral da câmera. Isso proporcionará um enquadramento 3/4, como apresentado no tópico de planos de imagem, e evitará que a pessoa fique envergonhada com a presença da câmera;

- Espere alguns segundos antes de fazer cada pergunta. Esse intervalo facilitará os cortes da entrevista na etapa de edição;
- Prepare-se para contratempos e respostas imprevistas.

Após a captação, você já terá todo o material necessário para chegar na última etapa de produção de um documentário sobre o IFRJ Niterói: a pós-produção.

Vamos para a ilha de edição!





d. Pós-produção

Palavras-chave: Escolhas; Edição; Compartilhamento.

Chegamos à última etapa do projeto. É hora de fazer a história ganhar forma, e isso acontece a partir das escolhas do documentarista com a ajuda do editor. Em seguida, é momento de compartilhar o projeto com o mundo e fazer a memória do *campus* rodar, ganhar novas interpretações e gerar discussões sobre o tema.

Montagem

Essa etapa, também chamada de edição, é o momento em que as escolhas de sequência de imagens dão ritmo e tom ao filme. Cada escolha de imagem e som impacta diretamente na percepção do filme. Na mesa de edição (ou no aplicativo de edição), você pode fazer testes, intercalar entrevistas, sobrepor imagens, acrescentar trilha sonora para despertar emoções e uma série de outras ações. A montagem é um dos principais momentos da construção do filme. Essa pode ser a etapa principal, caso seu filme utilize apenas materiais de arquivo, por exemplo.

Aqui estão algumas atividades importantes dessa etapa:

- Transcrever todo o material gravado. Para facilitar, uma dica é começar a transcrição de cada entrevista ao fim de cada gravação. Nesse mesmo momento, você pode sinalizar os pontos das entrevistas que mais “conversam” com a narrativa do documentário;
- Recortar e editar as imagens, excluir os erros e separar as imagens de apoio;
- Recortar e editar o som captado. Fazer as edições necessárias e ajustar os casos de áudio com ruídos;
- Escolher e encaixar a trilha sonora, caso você opte por utilizar esse recurso. Esta é uma ferramenta muito rica na condução da narrativa da história. Você pode endossar ou contrastar uma fala a partir das escolhas de trilha sonora. Como a produção de uma trilha original pode ser muito custosa, você pode usar recursos com o YouTube Áudio Library, um banco de áudio gratuito da plataforma. Lá, você encontra também alguns **efeitos sonoros**, que serão



importantes para a ambientação do espaço, por exemplo, som de uma avenida movimentada, pessoas falando em um corredor, ou até um objeto caindo no chão. Tome cuidado com os direitos autorais. Dificilmente você poderá utilizar música de artistas sem as devidas autorizações, por isso os bancos de áudio gratuitos serão bons aliados nesse processo;

- Editar o filme. Você pode utilizar *softwares* específicos de edição para vídeos e filmes ou contar com o apoio de aplicativos gratuitos de edição. Muitos deles têm diversas funcionalidades fáceis de utilizar;
- Ajustes finais e adição de efeitos - ação aplicada tanto à imagem quanto ao som, se for uma opção para seu filme;
- Acessibilidade - ação fundamental ao produzir documentários. A utilização da interpretação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), legendagem e audiodescrição são recursos que possibilitam uma experiência inclusiva para diversas audiências.
- Revisão e ajustes - nesta etapa, é preciso rever todo o material, com atenção aos detalhes para conferir se está tudo como planejado. É importante contar com o apoio de uma pessoa que não esteja envolvida diretamente no processo de edição, porque esse olhar “descansado” pode identificar pontos e/ou erros que não foram percebidos previamente.



Quer aprender mais sobre o assunto? Escaneie o QR code ao lado e confira “5 livros para mergulhar em documentários”

Fonte: Silva Júnior (2021, p. 1).

Distribuição

A distribuição é o processo de divulgar e tornar o documentário acessível ao público. Existem diversas maneiras de realizar essa etapa, por exemplo, publicar o documentário nas redes sociais do *campus*, fazer uma sessão de debate, apresentar nos eventos da instituição, na semana de acolhimento dos novos estudantes, entre outras.

No caso dos documentários que este Guia pretende promover, uma boa



opção é ter um canal no YouTube® onde possam ser publicadas e compartilhadas por seus criadores (estudantes e servidores) as memórias do IFRJ Niterói. Além disso, a plataforma é uma boa opção de arquivo para esse material, que será facilmente acessado por qualquer pessoa, tanto da comunidade escolar interna, quanto da externa.

Por fim, a distribuição envolve também todo o processo de comunicação para engajamento com o filme publicado.

Prepare o *link* para compartilhar sem parar!





Considerações finais

Chegamos ao fim deste Guia!

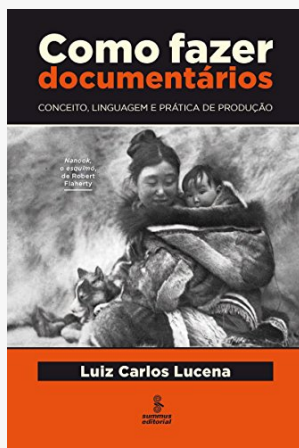
Desejamos que este material possa contribuir durante sua jornada no audiovisual. E lembre-se de que você pode colaborar para a preservação da memória do IFRJ Niterói ao manter vivos os momentos essenciais por meio da captura e do registro de experiências, de memórias, da diversidade e da pluralidade escolar, contribuindo, portanto, para a preservação e a divulgação da memória institucional.

Vamos juntos construir e compartilhar a história que nos une!



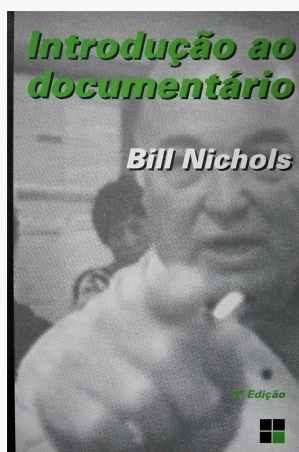
Não pare por aqui!

Selecionamos 3 sugestões de livros de apoio para você aprofundar seu aprendizado sobre documentários.



Livro 1: Como fazer documentários: Conceito, linguagem e prática de produção. Autor: Luiz Carlos Lucena. 3. ed. São Paulo, SP: Summus Editorial, 2018. 128 páginas.

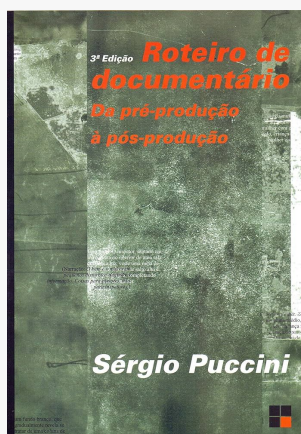
Este livro oferece uma visão panorâmica da produção de documentários, além de definir e conceituar esse gênero cinematográfico. O autor aborda temas como roteiro, linguagem, planos e enquadramentos, som e imagem digital, edição e divulgação na internet. De forma didática e aprofundada, o autor mescla história e técnica, dicas práticas e informações de ponta. O resultado é um manual completo para estudantes de cinema, videomakers, jornalistas, pesquisadores e apaixonados pela temática audiovisual.



Livro 2: Introdução ao documentário. Autor: Bill Nichols. 6. ed. São Paulo. Papyrus Editora, 2016. 336 páginas.

O livro traz uma introdução com muitos elementos teóricos acerca das questões mais importantes da história e da crítica do documentário. Destinada a estudantes de qualquer área que faça uso de dados visuais e de estratégias persuasivas, a obra identifica as diferentes características do documentário e oferece informações para que o espectador possa entendê-lo. Cada capítulo trata de um aspecto diferente, desde o início do cinema documentário e a sua definição, passando pelos modos de documentário, como ele tem tratado as questões sociais e políticas, como escrever sobre o gênero de maneira eficaz, até as questões éticas necessárias para a realização dos filmes. Essa edição inclui

novos trabalhos e tendências, além de informações sobre mais de cem documentários, novas fotografias de cenas de filmes e uma lista ampliada de distribuidores.



Livro 3: Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção. Autor: Sérgio Puccini. 3. ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2012. 144 páginas.

Se, no filme de ficção, a escrita do roteiro ocorre no período de preparação, anterior à pré-produção e à filmagem, no documentário, essa escrita muitas vezes se estende por todo o processo de realização - trata-se de uma escrita aberta. A partir disso, Sérgio Puccini aborda considerações sobre as três etapas de uma produção cinematográfica: pré-produção, filmagem e pós-produção, ressaltando o papel de cada uma na construção do documentário. Mostra ainda que a possibilidade de se trabalhar com um roteiro aberto faz com que funções técnicas, como direção de fotografia e edição, tenham maior participação criativa no filme.

Sobre os autores



Valdineia Gomes das Chagas

Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT) pelo Instituto Federal Fluminense (IFFluminense), graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Pós-graduada em Gestão e Normas Educacionais e em Saúde Coletiva. Atua como servidora pública, no cargo técnico em secretariado, do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) *campus* Niterói.



Thiago Soares de Oliveira

Doutor em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense, com estágio de pós-doutoramento pela Universidade da Beira Interior. Professor da Licenciatura em Letras (Português e Literaturas) do Instituto Federal Fluminense, bem como do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional. Pesquisador vinculado ao Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens (NECEL).

Este conteúdo pode ser compartilhado ou reproduzido, sem nenhuma modificação, desde que citada a fonte e sem fins comerciais.



Referências

ARTUNI, Henrique; BONILLA, Rafaela. Cartografia do real: um mapa das diferentes formas de contar histórias verídicas. **Revista Cásper**, [s. l.], ed. 27, abril 2019. Disponível em: <https://revistacasper.casperlibero.edu.br/edicao-27/cartografia-do-real/>. Acesso em: 1. nov. 2023.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória Institucional**: a construção conceitual numa abordagem teoricometodológica. Tese (Doutorado) – Doutorado em Ciência da Informação, UFRJ, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <https://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/686/1/icleiacosta1997.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.

FERNANDES, João Paulo Almeida Ximenes. Resumo de planos e ângulos de câmera. **Slideshare**, São Paulo, 18 set. 2013. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/JooXimenes/resumo-planos-e-angulos-tpa>. Acesso em: 1 jan. 2024.

FRANÇA, Ana. **Guia rápido de captura áudio**: conceitos, técnicas e equipamentos. Plástico Bolha. Audiovisual e narrativas visuais. 2023. Disponível em: <https://anafranca.com.br/guia-rapido-de-captura-audio-conceitos-tecnicas-e-equipamentos/>. Acesso em: 5 maio 2024.

GERBELLI, Primo. Grupo de estudos em audiovisual. **Azul bananas estúdios**, [s. l.], 6 abr. 2012. Disponível em: <https://azulbananastudio.wordpress.com/2012/06/04/planos/>. Acesso em: 22 jan. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, SP: Vértice, 2006.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO (IFRJ). **Projeto de Implantação do IFRJ campus Niterói (PIC)**. Rio de Janeiro, RJ: IFRJ, 2017.



LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários**: conceito, linguagem e prática de produção. 3. ed. São Paulo: Summus, 2018.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** . Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/decupagem/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

MODELO DE PROJETO de Documentário. **TV Cultura**, [s. l.], 2023. Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/DocTv/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2016.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário**: da pré-produção à pós-produção. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

SANTOS, Juliana Cardoso dos; VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. Memória institucional e memória organizacional: faces de uma mesma moeda. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 26, p. 208-235, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/147902>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SILVA JUNIOR, Paulo. O Jornalista e documentarista indica cinco livros sobre a arte de fazer filmes de gênero. **Nexo Jornal Digital**, [s. l.], 17 abr. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/5-livros-para-mergulhar-em-documentarios>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 6, p. 14-18, jan./dez. 2003. Disponível em: http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57. Acesso em: 2 nov. 2023.

TOMAIM, Cássio dos Santos. Documentário, história e memória: entre os lugares e as mídias “de memória”. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, [s. l.], v. 46, n. 51, p. 114-134, jan./dez. 2019. Escola de Comunicações e Artes (ECA) - Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/147902>. Acesso em: 14 nov. 2023.



